



Interfaces Jornal e Educação: Panorama e Transformações na Sociedade Global¹

Mônica Pegurer Caprino²
Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS

Resumo

O trabalho discute as interfaces entre mídia e educação na sociedade global e foca-se no jornal impresso. Faz uma panorama histórico e mundial do uso do jornal em sala de aula e analisa os programas brasileiros alinhados com o projeto da Associação Nacional de Jornais – ANJ, sob o rótulo de Programa Jornal e Educação. Esses programas têm sido objeto de vários estudos, mas geralmente recebem críticas que os classificam como ações de marketing para aumento de leitores e venda de jornais. O trabalho discute as faces da relação entre mídia e educação: incentivo para a cidadania ou criação de consumidores? Foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo, com o envio de questionários a jornais brasileiros que possuem programas de jornal na sala de aula. Foram realizadas entrevistas com envolvidos em programas de jornal e educação, inclusive um dos responsáveis pelo programa dos EUA.

Palavras-chave

Jornal na sala de aula; Comunicação; Educação; Mídia; Escola.

Introdução

A consolidação da sociedade midiática no século XXI tem trazido novas realidades ao uso dos meios de comunicação de massa e suas interfaces com outros aspectos da vida social. A existência de clássicos meios de comunicação, como o jornal impresso, passa a ser debatida na sociedade global. Discute-se, hoje, se o jornal sobreviverá ao uso crescente da Internet como principal meio de propagação das notícias. Philip Meyer (2004, p. 27) chega a fazer uma previsão de que os jornais impressos deixarão de circular em 2043.

Paralelamente a essa realidade e a esse debate, a existência e sobrevivência do jornal impresso parecem não estar abaladas se for apenas considerado seu uso crescente nas escolas, seja como instrumento didático, seja como incentivador de leitura, produção textual ou gerador de consciência crítica sobre a mídia.

Existem hoje, nos Estados Unidos, segundo James Abott (2007), vice-presidente da Newspaper Association of América Foundation, a quem se subordina o programa Newspaper in Education, mais de 950 programas ativos que trabalham com jornal na escola. São,

¹ Trabalho apresentado na NP Comunicação Educativa, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, graduada em Jornalismo e em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Municipal de São Caetano e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Comunicação e Inovação na mesma universidade. O trabalho resultou de pesquisa que envolveu o estudante Felipe Alves de Paula, bolsista CNPq/PIBIC.



segundo Abott, aproximadamente 220 milhões de jornais por ano enviados às escolas. No Brasil, os projetos de jornal e educação estão reunidos principalmente no programa da Associação Nacional de Jornais – ANJ e atingem mais de sete milhões de alunos em todo país.

Que interfaces são essas entre jornal e escola que permitem não só a sobrevivência dessa mídia no meio escolar, como o crescimento contínuo do número de programas e a publicação de várias pesquisas e livros sobre o assunto? O objetivo deste artigo é justamente discutir as interfaces entre jornal e educação.

O trabalho se valeu de pesquisa bibliográfica para fazer um panorama histórico e mundial dessas interfaces e também analisa os programas brasileiros alinhados com o projeto da Associação Nacional de Jornais – ANJ, sob o rótulo de Programa Jornal e Educação. Existentes desde meados dos anos de 1980, esses programas têm sido objeto de vários estudos e pesquisas e, geralmente, alvo de críticas. São, muitas vezes, classificados como meras ações de marketing para aumento de leitores e venda de jornais. Assim, pretende-se discutir as duas faces da relação entre mídia e educação: incentivo para a cidadania ou apenas criação de consumidores?

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada pesquisa de campo na qual foram enviados questionários a todos os jornais brasileiros que possuem programas de jornal na sala de aula. Foram enfatizados como pontos importantes da pesquisa o perfil dos profissionais envolvidos nos projetos – o que a nosso ver dá pistas para reconhecer a natureza e objetivo dos programas – e o tipo de atividades desenvolvidas (somente consumo dos jornais ou incentivo à produção textual?). Além disso, foram realizadas algumas entrevistas com envolvidos em programas de jornal e educação.

Jornais na sala de aula

Historicamente, a utilização dos meios de comunicação na sala de aula, especialmente os jornais impressos, apareceu em contraposição ao conteúdo oferecido pelos livros didáticos, partindo de iniciativas inovadoras de educadores que viam em seu conteúdo conhecimentos “pasteurizados”, que pouco contribuía para que os alunos pudessem aplicar no cotidiano aquilo que lhes era passado. A leitura de jornais era vista como uma possibilidade de conscientização dos alunos, que passariam a desenvolver também uma capacidade autônoma para ler a realidade.

Já no fim do século XVII, o então reitor da Universidade de Paris, Charles Rollin, eleito em 1694, defendia a idéia de que aqueles que produziam textos com tipografia aprendiam a



ler e a assegurar sua ortografia, além de desenvolver prazer em aprender. No fim do século XIX, nos Estados Unidos, o diretor das escolas públicas de Salem, no Missouri, defendia a utilização dos jornais em sala de aula. Sua “pedagogia” baseava-se na distribuição diária de jornais para os alunos, seguida posteriormente por uma conversa sobre o que eles haviam lido. (GONNET, 2004, p.41).

Jacques Gonnet, em sua obra “Educação e Mídias” (2004, p.41), afirma que a interface entre meios de comunicação e ensino se desenvolve a partir do momento em que comunicadores, professores, educadores, pais e alunos se perguntam por que não utilizar notícias para despertar o interesse das crianças e dos jovens estudantes.

Assim, percebe-se que tal questão é tão velha quanto as próprias mídias, embora o papel que o jornal assumia em muitos projetos do final do século XX e início do XXI ganhe novas configurações com a possibilidade de tornar o educando não só um consumidor do produto midiático mas de um interlocutor, que não só assume postura crítica diante do jornal, mas passa a tê-lo como incentivo para a produção textual representada pelo jornal escolar.

A primeira referência de uso de jornais em sala de aula é datada do século XVIII. Nos Estados Unidos, em 8 de junho de 1795, o jornal Eastern Herald, de Portland, publicou um editorial que enfatizava a importância do jornal como instrumento didático e chamava a atenção para o fácil acesso a essa mídia: “Jornais são abundantes e baratos – o livro mais barato que pode ser comprado, e quanto mais você compra, melhor para seus filhos, por que cada parte fornece alguma nova e válida informação” (GARNER; SULLIVAN, 2004).

A utilização de jornais nas práticas pedagógicas, mais do que disponibilizar uma nova ferramenta aos educadores, questionou o sujeito do processo do conhecimento. Carmen Lozza, que durante bom tempo foi coordenadora do Programa Jornal e Educação, da Associação Nacional de Jornais, acredita que “precisamos discutir as possibilidades dos conteúdos programáticos como meios de se forjar conceitos científicos que permitam ao aluno o desvendamento da realidade vivida e a construção do conhecimento capaz de habilitá-lo a viver a sua condição de cidadão”. (LOZZA, [s.d])

A entrada do jornal no ambiente escolar também trouxe várias possibilidades de uso desse “novo” material: tanto como instrumento físico, um impresso para servir como base de estudos e discussões, como também em uma plataforma expositiva para que professores e alunos colocassem suas atividades em prática.

Nesse sentido, se desenvolveram, no início do século XX, duas importantes correntes, se assim podem ser chamadas, do uso de jornal em sala de aula. Uma nos anos 1920, na França, idealizada por Celéstin Freinet tendo como base a produção do jornal escolar. A outra, a



partir dos nos anos de 1930, nos EUA, com a distribuição periódica de jornais da grande imprensa a escolas.

Celéstin Freinet desenvolveu na França, no início da década de 1920, técnicas introdutórias à organização de textos em formato de jornal escolar. Freinet acreditava que, ao trabalhar com textos, a criança conhece um mundo que vai além dos livros didáticos; ela pensa, reflete e assim, forma-se um cidadão crítico. Esse uso da imprensa escolar permitia a criação de uma cultura própria, baseada nos verdadeiros interesses das crianças expressos nos textos. (FREINET, 1974 apud TEIXEIRA, 2005, p.5). Seus métodos estão presentes na França até hoje, principalmente por conta do CLEMI (Centro de Ligação do Ensino e dos Meios de Informação).³

Criado na França em 1983, o CLEMI (Centro de Ligação do Ensino e dos Meios de Informação) surgiu como uma organização incentivadora à utilização ampla dos meios de informação nos métodos de ensino. Associado ao CNDP (Centro Nacional de Documentação Pedagógica) e atuando sob a tutela do Ministério da Educação Nacional, têm como propósito unir mídia e educação. As atividades incluem a realização de oficinas pedagógicas, visita dos alunos às empresas de comunicação e o acompanhamento da utilização das mídias no ambiente escolar.

O CLEMI estabeleceu como missão oficial incentivar e agrupar publicações e produção de informação feitas na escola, na França e em outros países da Europa. A organização possui a mais importante coleção de jornais escolares do mundo, agrupando cerca de 65 mil jornais para mais de 10 mil títulos (alguns exemplares datam de 1926 (CLEMI, 2007)).

Newspaper in Education - NIE

Em 1932, Iphigene Ochs Sulzberger, filha do então editor do jornal americano The New York Times, alertou a direção do jornal para iniciar o que hoje é conhecido como Newspaper in Education (NIE). Atendendo à vontade de alguns professores de Nova Iorque, que queriam usar o New York Times para estudos em sala de aula, Iphigene convenceu o jornal a começar um sistema regular de entrega de exemplares pelas escolas de Nova Iorque. (GARNER. SULLIVAN, 2004). O New York Times, além da distribuição, passou também a realizar uma pesquisa para estudar as maneiras que os jornais eram usados no currículo escolar nacional.

A pesquisa do NYT já detectava que, onde havia jornais e periódicos encontrava-se um maior interesse dos estudantes, turmas melhor informadas e discussões mais inteligentes e

³ Veja a home-page do Clemi no seguinte endereço: www.clemi.org



com participação mais efetiva. Nos anos de 1930 e 1940, o Milwaukee Journal aderiu à iniciativa do NYT e também passou a patrocinar projetos de entrega de jornais para uso em sala de aula. Ainda sem um nome definido, os programas eram citados como “Living Textbook Program”. (GARNER; SULLIVAN, 2004)

Em 1956, em Chicago, cerca de 10 organizações ligadas à educação planejaram uma pesquisa que resultou, em 1957, no “Newspaper in the Classroom” (NIC) (Jornal na sala de aula), um programa nacional voltado para o uso de jornais em sala de aula. Na década de 1960, os programas do NIC já ultrapassavam a marca dos 100; nos anos 1970 eram mais de 350 (GARNER; SULLIVAN, 2004). O NIC foi patrocinado primeiramente pela Associação Nacional dos Gerentes de Circulação (ICMA, em inglês), o que sugere o objetivo dos programas de angariar leitores, e depois pela Associação Americana dos Editores de Jornal (ANPA), que em 1992 se tornou a fundação Newspaper Association of America.

Foi nos anos 1970, aliás, que o programa Newspaper in the Classroom mudou de nome para Newspaper in Education. O novo nome foi dado pelos editores de jornais canadenses, que aderiram, na época, ao projeto. (GARNER; SULLIVAN, 2004)

Os anos de 1980 marcaram o desenvolvimento de parcerias dos programas do NIE com associações de instrução nacionais. Os jornais passaram a ser distribuídos também em prisões, instituições para deficientes mentais e em casas de repouso. Em 1989, já eram mais de 700 programas do NIE espalhados por todos os EUA. Nos anos 90, os editores de jornais focaram no potencial dos programas de jornal na educação para ampliar os índices editoriais e, conseqüentemente, conquistar novos leitores. (GARNER; SULLIVAN, 2004). Atualmente, existem mais de 900 empresas jornalísticas americanas fornecendo jornais às escolas de sua área de cobertura. Isso significa que há 900 programas diferentes do NIE, já que não há regras fixas a serem cumpridas. Estima-se que 40% dos alunos de escolas públicas americanas são atendidos. (GARNER; SULLIVAN, 2004)

Projetos em todo o mundo

Embora Estados Unidos e França capitaneiem as principais iniciativas de uso do jornal na escola ou de produção de jornal dentro da escola, vários países têm registrado programas de utilização de meios de comunicação em sala de aula.

No final do século XIX e início do século XX, já se discutia na Espanha a possibilidade de introduzir o uso de jornais na escola em substituição à leitura obrigatória de *Dom Quixote*, de Cervantes. (GAIA, 2002). Nos anos de 1980, impulsionados pelo crescimento econômico e pela democracia, os jornais impressos iniciam programas de jornal em sala de aula



(Programas *Prensa-Escuela*), que já haviam sido experimentados no fim da década anterior com os jornais *Diario 16* e *El Pais* (PROGRAMA PRENSA-ESCUELA, 2007). Um exemplo dessa tendência é o pioneiro *La voz de la Escuela*, estabelecido em 1982 pelo jornal *La voz de Galicia*. O programa, além de oferecer o jornal como uma nova ferramenta didática às aulas, passa a incentivar a produção de material pelos próprios alunos, dando margem ao surgimento e à celebração da *Semana de la prensa en la escuela*, organizada desde 1989.

Os países nórdicos trabalham com o assunto desde a década de 1970. (AGUADED GÓMEZ, 1999, p.4), quando na Finlândia, foram implantados, dentro da disciplina da língua materna, programas de educação para as mídias. A Suíça (AGUADED GÓMEZ, 1999, p.6) é uma das regiões européias mais ativas nas atividades de aproximação entre escola e meios de comunicação, com a implantação, desde os anos 1960, de centros especializados, programas de introdução de mídias na sala de aula e com a preocupação na formação de educadores.

Diversos países da Europa também organizam seus programas de mídia e educação. O jornal diário português *Publico*, por exemplo, realiza e disponibiliza por meio de seu programa *Publico na escola* a edição de materiais de apoio para professores que queiram utilizar jornais em suas práticas pedagógicas (AGUADED GÓMEZ, 1999, p.3).

Sobre a aproximação entre mídias e educação na Itália vale destacar a iniciativa do *Instituto Alboscuole*, (ALBOSCUOLE, 2007) uma organização que atua em todo o país divulgando e incentivando a produção do jornalismo escolar. Com a finalidade de que as escolas produzam um jornal online a partir de uma estrutura inicial oferecida pelo próprio instituto, professores e alunos trabalham em parceria na elaboração de artigos e também de conteúdo audiovisual, que podem ser atualizados em tempo real. Anualmente o *Instituto Alboscuole* organiza a competição “Jornalista por 1 dia”, iniciativa que visa estimular a participar do prêmio o trabalho de estudantes e professores de toda a Itália.

Também na América Latina surgem várias iniciativas de uso de jornal na escola. No Equador, após iniciativa pioneira do jornal diário *HOY*, em 1982, a *Fundación HOY em la educación* se estabelece como fundação em 1990, levando o jornal às escolas do país (FUNDACION HOY EN LA EDUCACION, 2007)

Na Colômbia, é implantado em 1993 o programa *Prensa Escuela*, graças a um convênio entre a Organización de Estados Interamericanos (OEI), a Asociación de Diários Colombianos (ANDIARIOS) e o Ministério da Educação nacional (COLOMBIA APRENDE, 2007). No fim da década de 1990, a crise econômica do país provocou o término do convênio entre as instituições mas, mesmo assim, o *Prensa Escuela* continuou a ser



desenvolvido por vários jornais do país. Em 2005, com o apoio da ANDIARIOS, o programa era desenvolvido por 15 jornais. Além da utilização do jornal em sala de aula, há incentivo para a produção de jornais escolares.

Na Argentina, o *Programa Escuela e Médios (PROGRAMA ESCUELA y MEDIOS, 2007)* visa promover a integração e participação dos alunos de escolas públicas com os meios de comunicação. Uma das atividades do programa é o concurso “Periodista por um dia”, em que os alunos desenvolvem uma pesquisa e produzem um texto sobre um tema atual que os afeta e os preocupa. Após uma seleção, o texto é publicado em um jornal.

Jornais brasileiros na escola

O primeiro jornal brasileiro a fazer distribuição de jornais em escolas foi o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, que iniciou o projeto “Zero Hora na Sala de Aula” em 1980. (TEIXEIRA, 2005, p.4)

Em 1982, o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, criou um projeto semelhante intitulado “Quem lê jornal sabe mais”, existente até hoje. Após a iniciativa do *Zero Hora* e do *Globo*, somente nos anos 90 foram criados novos programas. Um deles foi o Almanaque Escola, realizado pelo jornal *O Popular*, de Goiânia, iniciado em 1991 (TEIXEIRA, 2005, p.4) .

Mas, hoje, a grande maioria dos programas está entre os jornais ligados à Associação Nacional de Jornais e ao seu Programa Jornal e Educação. A Associação Nacional de Jornais (ANJ) é uma entidade sem fins econômicos e lucrativos fundada em 1979 na cidade do Rio de Janeiro, mudando sua sede para Brasília em 1986. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2007) Seus 142 associados são empresas brasileiras, editoras de jornais, de circulação diária e paga, editados em língua portuguesa e para o público em geral, devidamente matriculadas como sociedades jornalísticas no respectivo registro. Sua missão é representar os jornais na garantia de seus interesses e defender liberdade de expressão, de pensamento e de propaganda, do funcionamento sem restrições da imprensa e dos valores da democracia representativa e a livre iniciativa.

A ANJ é membro do WAN (Associação Mundial de Jornais), CENP (Conselho Executivo de Normas Padrão) e do CONAR (Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária). O Programa Jornal e Educação, desenvolvido pela Associação Nacional de Jornais, é uma política privada que incentiva as empresas jornalísticas a levarem seus jornais ao ambiente escolar a fim de que, mais que um novo



material didático, ele também possa ser utilizado como um objeto de estudo. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2007).

Até recentemente a ANJ não estabelecia nenhum tipo de regras ou normas para a implantação e desenvolvimento dos programas. Em 2006, a associação promoveu, nas cidades de Campinas e Itu, no interior paulista, um curso intitulado *Jornal e Educação* visando criar uma base comum aos programas já existentes e atrair novas empresas para aderir à idéia. Após esse curso foi criado um *Manual do Programa Jornal e Educação*, contendo orientações para unificar as iniciativas de todo o território nacional e ainda garantir o reconhecimento da ANJ.

No manual fica estabelecido que toda e qualquer proposta deve atender aos alunos de todos os níveis e envolver profissionais da área de educação. O objetivo deve ser facilitar o acesso dos jovens à mídia, estimular sua leitura e capacidade crítica e, sobretudo, criar cenário e clima propícios para a expressão e participação em questões de cidadania.

Do ponto de vista empresarial a associação solicita a apresentação de um relatório/cronograma do projeto para sua ativação. A ANJ destaca que a implantação de um programa pode ser uma nova possibilidade de aumentar o número de leitores de forma quantitativa e qualitativa; entretanto, é condenada qualquer iniciativa de cunho explicitamente comercial, simplesmente para aumentar o número de circulação através da venda de exemplares avulsos e/ou pela distribuição de edições incompletas.

Uma pesquisa da ANJ – Associação Nacional de Jornais – de 2004 mostrou que nos últimos 14 anos, além do crescimento ano a ano no surgimento de programas voltados para a educação (em 1994 eram 13 programas e em 2004 esse número subiu para 50), também têm crescido significativamente a preocupação dos jornais impressos em aproximarem-se do ambiente escolar, mesmo aqueles que ainda não implantaram seus programas. Muitos têm investido na publicação de suplementos infantis, no recebimento de alunos em visita à empresa, na doação de exemplares às escolas ou na realização de concursos. (OS PROGRAMAS DE JORNAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIROS:UM DIAGNÓSTICO, 2004)

Em 2007, dos 142 jornais associados à ANJ (número correspondente a 90% da circulação de jornais do país), 60 mantinham ativos algum tipo de programa de jornal e educação. Dentre este cenário registra-se o seguinte quadro de atendimento: Escolas atendidas: 33.183; Alunos atendidos: 7.289.694; Professores atendidos: 216.977 (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2007).



Pesquisa

Além de mostrar um panorama das iniciativas de utilização de jornais na escola no Brasil e no mundo, a pesquisa - efetuada como base para o presente trabalho e concluída em 2007 - pretendeu, também, levantar elementos para a discussão da natureza dos programas e atividades: trariam algum aspecto de incentivo para a cidadania ou estariam calcados simplesmente na criação de consumidores? Normalmente, essas têm sido as críticas que fazem os pesquisadores que se debruçam sobre o assunto, com Marco Antonio Batan (2005).

Como é grande o número de projetos de jornal em sala de aula, não seria possível conhecer cada um de perto. Por isso, traçou-se como estratégia o envio de um questionário que abordava alguns pontos fundamentais para responder às indagações da pesquisa e que poderiam, ainda que sem aprofundamento, dar elementos para a confirmação ou não da hipótese levantada.

Assim, foram colocados como pontos-chave algumas questões: objetivo do projeto, o tipo de profissional envolvido nos projetos, o uso de encalhe ou jornal do dia para distribuição, a existência ou não de produção por parte dos alunos. O tipo de profissional foi considerado um dado esclarecedor para se verificar a natureza de tais projetos e mesmo os seus objetivos. Assim, seria possível verificar se os projetos têm caráter interdisciplinar ou se estão calcados exclusivamente no ensino de Língua Portuguesa, ou na divulgação (caso de se detectada a coordenação por um profissional da área de marketing ou circulação).

Enviamos um questionário via e-mail aos 58 jornais associados à ANJ que desenvolvem algum tipo de iniciativa ligada à utilização do jornal em sala de aula. Nele, além das questões mencionadas (formação do profissional, uso de encalhe ou jornal do dia e tipo de atividades desenvolvidas) também foram indagados sobre o tempo do programa, número de alunos e escolas atendidos, importância do programa para o jornal.

Além de conseguir um pequeno histórico e resumo do programa, tais perguntas também foram formuladas com o intuito de conhecer a maneira com que os programas são desenvolvidos, a forma que os jornais entram e são trabalhados na sala de aula (questão 6) e também o tamanho e amplitude da iniciativa. Especialmente na questão 4,



tentamos verificar se há alguma influência do método proposto por Freinet (produção e texto livre) em algum dos programas, ou seja, se há espaço e incentivo para algum tipo de produção dos alunos.

Dos 58 jornais contatados obtivemos 33 respostas, número correspondente a 59% do total de programas. Além do número de respostas ser superior a 50% dos questionados, fator importante em nossa tentativa de estabelecer um pequeno parâmetro do desenvolvimento dos programas de jornal e educação, destacamos também que tivemos retorno das cinco regiões brasileiras, o que reforça a pesquisa e a direciona para mostrar um cenário de âmbito nacional.

Os dados obtidos apontam que no universo dos 33 jornais participantes da pesquisa 59% trabalham com algum tipo de produção de material por parte dos alunos. Tal informação contrapõe-se à idéia de que as iniciativas brasileiras de levar o jornal à sala de aula são meramente comerciais, tendo em vista a existência de tantos programas que tentam estimular e desenvolver atividades com os estudantes. Outro ponto importante fica na possível influência do método Freinet (produção de texto e expressão livre) na programação das atividades, dado relevante num país que é muito mais acostumado a seguir práticas norte-americanas.

Como exemplo dessas iniciativas, podemos citar a produção de um jornal pelos próprios alunos no programa desenvolvido pelo jornal Folha da Região, de Araçatuba-SP. Já no Tribuna do Planalto, de Goiânia-GO, abre-se um espaço no próprio jornal para a divulgação da produção de textos dos alunos; prática semelhante à realizada pelo A Notícia, de Joinville-SC. O Globo, do Rio de Janeiro-RJ, promove concursos de redação e uma atividade chamada “Repórter do Futuro”, os alunos selecionados recebem aulas de textos jornalísticos com uma jornalista da redação do jornal. O *JP na escola*, do Jornal de Piracicaba-SP organiza uma exposição anual na Biblioteca Municipal da cidade que reúne redações, charges e tiras, visando conduzir os jovens à reflexão, análise crítica e à produção criativa.

Os dados obtidos também mostram que a maior parte dos jornais (50%) trabalha em seus programas com jornais do dia. Já 31% dos pesquisados preferem oferecer aos alunos o encalhe de suas edições, sendo que outros 16% mesclam os exemplares distribuídos entre encalhe e jornal do dia.

Quanto ao tipo de profissional envolvido nos programas, 69% dos programas que responderam à nossa pesquisa têm educadores envolvidos no monitoramento e desenvolvimento das atividades; número superior aos 44% que trabalham com o auxílio



de jornalista(s) no processo. No *Manual do Programa Jornal e Educação* da ANJ é orientado que se faça um acompanhamento pedagógico nas atividades dos programas, de forma sistemática e permanente.

Debater a atuação de jornalistas e/ou educadores no desenvolvimento das iniciativas é discutir, primeiro, sobre a possibilidade de o jornal ser utilizado meramente como um estímulo à reprodução da linguagem jornalística e, segundo, sobre o jornal apenas como mais um material didático para auxiliar em atividades gramaticais. A entrada do educador no processo educacional tende a ser a nova tendência para lidar com uma sociedade que vê as mídias ganharem cada vez mais espaço e importância na formação de suas novas gerações, embora ainda seja necessário percorrer um longo caminho para desenvolver e capacitar esse novo profissional. Somente 22% dos programas trabalham com a parceria entre jornalistas e educadores, que seria o ideal.

O desenvolvimento de programas de jornal e educação pode ser considerado uma prática que funciona e que dá certo, seja pela amplitude dos programas, seja pelo número de pessoas envolvidas (alunos, educadores e jornalistas) ou mesmo pelo tempo de atividade dos programas. 59,5% deles já estão há mais de 5 anos em funcionamento, período significativo para a implantação e cumprimento das metas, e para a avaliação dos resultados obtidos. Do *Quem lê jornal sabe mais*, criado pelo O Globo em 1982, ao *Ler é o Norte*, iniciado em setembro de 2006 pelo Jornal Meio Norte, de Teresina-PI, ano a ano tem aumentado o interesse das empresas jornalísticas em aderir aos programas de jornal na educação.

Considerações finais

Um dos aspectos importantes que se ressalta com a pesquisa é a amplitude das atividades de programas de jornal e educação desenvolvidas em todo o mundo e especificamente no Brasil, onde há 7,5 milhões de alunos envolvidos somente nos programas da ANJ.

Vale lembrar a diferença existente nos métodos de idealização dos programas, seja pela idéia de jornal escolar, seja pela idéia de jornal na escola. Fica claro que há um leque muito amplo de possibilidades de trabalho, desde o jornal produzido na própria escola, fruto de textos escritos pelos alunos, ao jornal como meio de comunicação de massa inserido no âmbito escolar, como fonte de discussão e reflexão dos temas do dia-a-dia. Embora diferentes na fundamentação teórica e prática, ambas correntes introduziram na educação um incentivo ao trabalho de temas mais próximos dos jovens,



uma preocupação em estimular a capacidade crítica e um auxílio à adaptação e à convivência com os meios de comunicação, em ampla expansão no início do século XX.

Pouco inteligente seria acreditar que promover o acesso dos meios de comunicação a um universo tão expressivo como o nosso configura-se apenas numa mera estratégia de marketing das empresas jornalísticas, numa mera jogada comercial que visa criar laços de fidelidade com um público que detém potencial de consumo para o futuro próximo.

Por mais que as questões comerciais estejam envolvidas na implantação e no desenvolvimento dos projetos, nada impede que os jornais contribuam positivamente no processo educacional. É como diz a ex-diretora do Programa Jornal e Educação da ANJ, professora Carmen Lozza⁴: “o que podem pretender as empresas se não ampliar seus negócios?” Uma vez na sala de aula, o jornal nos leva à pretensão de que os jovens ultrapassem a barreira imposta pelos tradicionais livros didáticos, que se aproximem da realidade que os cerca e que contribua para a formação deste novo profissional da educação intitulado educador.

Como lembra Rossana Gaia (2002, p.9):

[...] independentemente de as empresas jornalísticas utilizarem essa possibilidade como promoção e até mesmo vincularem a execução do projeto a determinada cota de assinaturas por parte das escolas, a possibilidade de o aluno ter acesso a esse produto já justifica sua importância.

A respeito de outros dados levantados pela pesquisa, devemos ressaltar que, embora considerada importante, a presença de educadores nesses projetos não significa necessariamente uma ação crítica em relação ao meio jornal ou ao seu processo de produção. Conforme destaca Ijuim (2005, p.25), “nem sempre todo educador percebe a complexidade do processo de produção do jornal”, e como pode ser um novo desafio ao aluno.

Ijuim (2005, p.47) vai lembrar, também, que não basta incluir algum tipo de produção: “[...] quem limita o projeto de produção de jornais escolares à apropriação das técnicas jornalísticas, limita-o ao domínio de mais uma ferramenta – domínio do prático-utilitário – que alavanca um determinado objetivo [...]”. Desse modo, ele acredita que podem passar despercebidas outras múltiplas possibilidades de vivências de

⁴ Entrevista aos autores em 12 de junho de 2007.



atitudes humanas. Como os programas são patrocinados pelas próprias empresas, é claro que podem se tornar uma reprodução acrítica de seus manuais, de simplesmente reproduzir técnicas.

Parece-nos, portanto, que o debate se os programas de jornal na escola são apenas frutos de departamentos de marketing para formação de leitores está superado. A maioria – independente das intenções mercadológicas das empresas jornalísticas – não inclui somente atividades de leitura e “consumo” do jornal, e parecem mostrar preocupação com aspectos pedagógicos e de capacitação.

Assim, a possibilidade de trabalho com o jornal em sala de aula no mundo global - em que não existe mais, ou não deverá existir, comunicação de mão única - é também ser uma atividade complexa, como afirma Jorge Ijuim. Na opinião de Carmen Lozza, “o educador que trabalha com jornais, necessariamente, deve realizar o que chamamos de uma ação combinada do veículo: o início é o seu uso como recurso didático mas o fim é o trabalho com o jornal como objeto de estudo”.

Poderíamos acrescentar a essa idéia a concepção de Ijuim que essa atividade complexa também só se torna inteira e satisfatória no processo de ensino-aprendizagem se houver aspectos relacionados á algum tipo de produção ou manifestação por parte dos alunos envolvidos. Afinal, o receptor deixou de ser somente um receptáculo de informações. Se o consumo do jornal impresso no âmbito da comunicação de massa caracteriza essa mídia como via de mão única, o seu uso na escola pode fazê-la tornar-se instrumento de incentivo da expressão da cidadania e da manifestação do sujeito comunicador.

Como diz Martín-Barbero (2005, p.63) a comunicação hoje passa a ser percebida como “o cenário cotidiano do reconhecimento social”, pois se recriam e reconfiguram-se narrativas. Não podemos, portanto, ter preconceito com as interfaces entre os produtos da indústria midiática e a educação. Barbero (2005, p. 67) destaca essas características da comunicação na sociedade globalizada: “Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola sobretudo um desafio cultural [...] Pois não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de socialização, de dispositivos de identificação/projeto de pautas de comportamento, estilos de vida e padrões de gosto”.

Ainda que não se estabeleça algum sistema de produção efetivo, somente o contato com a mídia pode ser positivo. Como ressalta Gaia (p.126), “levar o jornalismo para a sala de aula pode ser uma forma interessante de não somente trazer esse cotidiano do



aluno ao ambiente da sala de aula e preparar futuros leitores de mídia, mas também leitores/ouvintes/telespectadores mais reflexivos e com maior poder de argumentos”.

Referências bibliográficas

ABBOT, James. **Research in Brazil** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <james.abbott@naa.org> em 15 abr. 2007.

AGUADED GÓMEZ, José Ignacio. La educación en medios de comunicación en el ámbito europeo: un movimiento para el siglo XXI). **Pixel-Bit: Revista de medios y educación**, Sevilla n. 12, 1999. Disponível em: <<http://www.sav.us.es/pixelbit/articulos/n12/n12art/art122.htm>> . Acesso em: 25 abr.2007.

ALBOSCUOLE. **Associazione Nazionale di Giornalismo Scolastico**. [Desenvolvida por Associazione Alboscuole], 2007. Disponibiliza informações sobre os programas e jornalismo escolar da Itália. Disponível em: <<http://www.alboscuole.it>>. Acesso em: 23 abr. 2007.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Jornal e Educação** [Desenvolvida pela Associação Nacional de Jornais]. 2007. Disponibiliza informações sobre o Programa Jornal e Educação. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/?q=node/40>> Acesso em: 19 mar. 2007

BATAN, Marco Antonio. **Propaganda na Educação: Programa Jornal na Escola**. Trabalho apresentado ao NP 11 – Comunicação Educativa, durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17992/1/R0996-1.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2007

CLEMI. **Centre de Liaison de l'Enseignement et des Médias d'Information**. [Desenvolvida Por Isabelle Bréda-Clemi], 2007. Disponibiliza informações sobre o Clemi e seus programas Disponível em: <<http://www.clemi.org/index.html>>. Acesso em: 18 fev. 2007.

COLOMBIA APRENDE. **La red del conocimiento**. [Desenvolvida pelo Ministerio de Educación Nacional de Colombia], 2007. Disponibiliza informações sobre programas de mídia-educação. Disponível em: <<http://www.colombiaprende.edu.co/html/home/1592/channel.html>>. Acesso em: 23 abr. 2007

FREINET, CELESTIN. **O jornal escolar**. 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FUNDACION HOY EN LA EDUCACION **El Proyecto Prensa-Escuela**. [Desenvolvida pela Fundacion Hoy em la Educación], 2007. Disponibiliza informações sobre o programa de jornal na escola do diário Hoy, de Quito, Equador. Disponível em: <<http://www.explored.com.ec/fhe/home.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2007

GAIA, Rossana. **Notícias na Escola: possibilidades de leituras críticas**. Trabalho apresentado no NP11 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18913/1/2002_NP11GAIA.pdf>. Acesso em: 25 fev 2007.

GARDNER, John N.; SULLIVAN, Betty L. The National Newspaper as a Tool for Educational Empowerment: Origins and Rationale. In: **Using National Newspapers in the College Classroom: Resources to Improve Teaching and Learning**. The New York Times Knowledge



Network's monograph for teaching newspaper usage in first-year college courses. NYT , 2004. Disponível em: <http://www.nytimes.com/ref/college/faculty/coll_mono_link.html> . Acesso em: 25 fevereiro 2007.

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias**. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: roteiro de viagem**. Bauru: EDUSC; Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

LOZZA, Carmen. Pequena reflexão sobre a presença do jornal na escola. In **Palavras Pedagógicas**. <<http://www.oglobo.globo/infoglobo/quemlesabe/>>. Acesso em 5 Jan. 2006.

LOZZA, Carmen. **Jornal e educação** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <leitoresleituras@uol.com.br> em 12 jun. 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 57-86.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?:** como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

OS PROGRAMAS DE JORNAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIROS:UM DIAGNÓSTICO. Relatório conclusivo do estudo realizado junto às empresas jornalísticas filiadas à Associação Nacional de Jornais. ANJ, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/?q=node/40>>. Acesso em: 23 mar. 2007.

PROGRAMA ESCUELA Y MEDIOS. [Desenvolvida pelo Gobierno de Mendoza/Dirección General de las Escuelas]. 2007. Disponibiliza informações sobre programas de mídia-educação. Disponível em: <<http://www.escuelaymedios.mendoza.edu.ar/index.htm>> Acesso em: 19 jun. 2007

PROGRAMA PRENSA-ESCUELA. [Desenvolvida Por Fundación Santiago Rey Fernandez-Latorre], 2007. Disponibiliza informações sobre o Programa Prensa-Escuela do jornal la Voz da Galícia Disponível em: < [http:// http://www.prensaescuela.es/web/home/home.php](http://www.prensaescuela.es/web/home/home.php)>. Acesso em: 25 mai. 2007.

TEIXEIRA, Ana Paula M.. **As propostas de jornal na educação e suas implicações com a formação da cidadania**. Trabalho apresentado no NP11 - Comunicação Educativa durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17973/1/R1662-1.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2006.